



#cm
2
QUARTA-FEIRA

A nova versão de Moana, agora com atores de carne e osso, chega aos cinemas nesta quarta (8). Para promover o filme, o astro Dwayne 'The Rock' Johnson veio ao Rio de Janeiro, onde abriu o coração sobre voltar a interpretar um papel tão pessoal para ele.

Pág. 2

Uma experiência muito pessoal

Dez anos após o lançamento da animação original, The Rock conta o que aprendeu com o Maui nesse tempo

PEDRO SOBREIRO

Lançado em 2016, 'Moana' nasceu como um clássico moderno da Disney. Inspirado nas culturas polinésias, o filme contou essa história praiana sobre a filha do chefe da tribo de uma ilha que viaja mar afora à procura de Maui, um semideus aprisionado, para tentar ajudá-la a devolver o coração da deusa Te Fiti, que foi transformado em joia há muitos anos. Sua missão é salvar a ilha do fim iminente. Mas tem um problema: Maui não está nem aí para ajudá-la. Ele só quer escapar e recuperar seus poderes.

Agora, uma década depois, a Disney traz Moana de volta aos cinemas com uma nova roupagem. A versão live action, que estreia nesta quarta (8) nos cinemas brasileiros, promete ser o grande sucesso das férias escolares e conta com o carisma do ator Dwayne Johnson, o The Rock, para conquistar os diferentes públicos.

Na última semana, o ator veio ao Rio de Janeiro para promover o novo longa. A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com o Maui em pessoa, que falou sobre os desafios de voltar a esse papel em uma nova versão e compartilhou detalhes sobre a inspiração familiar do personagem.

Para o ator, a grande novidade da vez foi passar a ser não apenas a voz do Maui, mas também seu corpo e rosto. Segundo o ator, isso foi muito divertido porque suas filhas enfim vão acreditar que 'o papai é o Maui'.

"Sabe, eu tenho três filhas. A primeira já é crescida, mas a minha filha do meio tem 10 anos. Ela nasceu enquanto estávamos gravando Moana [animação]. E a minha filha caçula tem 8 anos. Nenhuma das duas acreditava que eu era o Maui de verdade. Tipo, quando nós estávamos lidando com a Covid, e ficávamos em casa todos os dias, nós assistíamos a Moana várias vezes. E eu dizia para elas: 'Sabe, aquele ali é o papai?'. Só que elas não acreditavam [risos]. 'O papai é o Maui? Não, não é'. Com o live action, elas vão ter que acreditam em mim agora", contou o ator.

The Rock também falou sobre a importância desse novo filme sob a perspectiva da representatividade. "É muito legal que as crianças possam se ver na tela. É algo grandioso elas poderem ver uma garotinha morena na tela. Quando eu era criança, meus heróis na tela grande não pareciam comigo. Então, para elas, é algo realmente importante. Para mim, enquanto pai, é uma coisa muito legal ver que minhas filhas têm essa representatividade", afirmou.

Por falar em família, Dwayne lembrou que o visual do Maui foi completamente

Fotos: Divulgação/ Disney



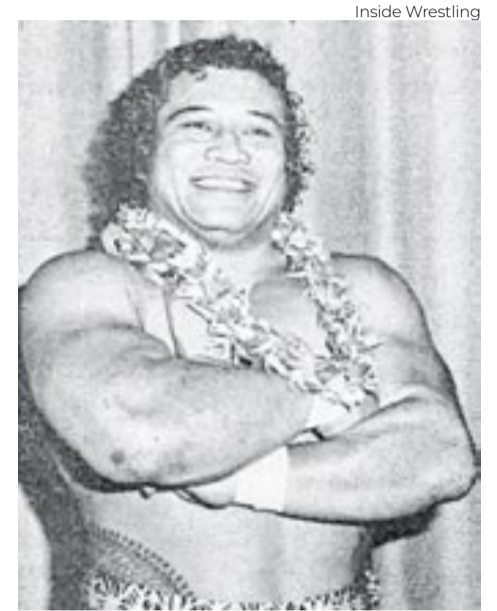
Dwayne Johnson veio ao Rio de Janeiro para promover a nova versão de 'Moana'



Dwayne Johnson aparece diferente de seu visual tradicional com uma cabeleira inspirada na de seu avô

inspirado em uma figura muito querida para ele: seu avô, Peter Maivia. Ex-lutador profissional, Maivia foi uma estrela do Wrestling da Samoa. Para o ator, dar vida ao Maui é como dar vida a ele. "Talvez algumas pessoas não saibam, mas o Maui foi inspirado no meu avô. E se você comparar uma foto do

meu avô com uma imagem do Maui... Cara, é realmente incrível a semelhança. Meu avô era forte, musculoso, tinha aquele lindo cabelo comprido, as tatuagens, sabia cantar. Era um homem durão, mas carinhoso. Incorporar trejeitos do meu avô ao personagem é muito especial", disse.



Inside Wrestling

Peter Maivia, avô de The Rock, foi a inspiração do ator para criar o Maui

“Quando eu era criança, meus heróis na tela grande não pareciam comigo”

WAYNE 'THE ROCK' JOHNSON

Perguntei se ele sentia ter aprendido mais sobre a própria família e sobre si mesmo nesse período interpretando o personagem, e The Rock afirmou que ganhou mais segurança sobre sua masculinidade.

"A grande experiência de vida de um ator é conseguir encontrar papéis como este. A coisa mais importante que aprendi foi a ser vulnerável. Veja bem, há um momento do cânone do Maui que é esse trauma por ter sido rejeitado quando era um bebê. E ele mal consegue olhar para a Moana, até que se abre verdadeiramente com ela. Essa vulnerabilidade vira um superpoder. Ele fica mais forte. E isso foi importante para mim, que cresci sendo filho único. Nunca foi fácil compartilhar sentimentos. Eu guardava tudo para mim. E isso não é saudável", comenta. "Aprendi com o personagem, essa importância de ser sincero com seus sentimentos. E sinto que também aprendi isso com o exemplo do meu avô. Por mais durão que fosse, ele também era um homem que não tinha medo de chorar na frente da minha mãe ou de chorar na minha frente. Ele era seguro a esse ponto com a sua masculinidade. Foi muito legal", compartilhou Dwayne Johnson.

Por fim, o ator falou sobre a experiência de dividir as telas com Catherine Lagáia, a atriz australiana de 19 anos, que deu vida à Moana como seu primeiro papel nas telonas.

"Quando a Catherine chegou ao set, ela tinha 17 anos e nunca havia atuado em um filme desse porte. As coreografias, a personagem em si, ter que cantar... Isso é difícil, e acho que é preciso ter coragem para topar um papel assim. Então, foi muito legal para mim ver essa jovem atriz em ação. Ela tirou a pressão de letra, e estou animado para que o mundo veja a atuação dela", concluiu.

Com projeção de cópia restaurada de 'Dança Com Lobos' e tributos a Isabella Rossellini, Asia Argento e Darren Aronofsky, o Festival de Locarno promete edição destinada à posteridade



Dances With Wolves Productions, Inc

Restaurado em Zurique, 'Dança Com Lobos', de Kevin Costner, ganha uma versão estendida na Piazza Grande de Locarno

No rugido do leopardo suíço

Alessandro Crinari/Ti-Press

Proimágenes Colombia



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Contam-se nos dedos os diretores artísticos de festivais (sobretudo aqueles de prestígio AA) capazes de desfilarem conhecimento sobre a produção chinesa e mudar a chave, para citar um clássico trash, como "Alligator – O Jacaré Gigante" (1980), da forma como o suíço Giona A. Nazzaro, de Zurique, faz. É por isso que ele repaginou Locarno de uma forma inesperada para a cinefilia, sobretudo diante de um obstáculo cronológico: em seus quase 80 anos de existência, o evento cinematográfico mais famoso da Suíça se situa entre Cannes e Veneza.

Ou seja, quem foi brigar pela Palma de Ouro não tem como concorrer na seleção de Giona e, quem almeja ter vez na disputa pelo Leão de Ouro prefere seguir inédito. Ainda assim, com sua diplomacia, o crítico e curador consegue, desde o início da sua gestão, em 2021, ter sempre medalhões em sua mostra competitiva oficial, em disputa pelo Leopardo de Ouro. Aleksandr Sokurov, Lav Diaz, Naomi Kawase, Hong Sangsoo, Wang Bing e Radu Jude estrearam suas pérolas mais recentes com ele. Em 2022, o Brasil concorreu lá, com "Regra 34", de Julia Murat, e destacou-se com o troféu mais cobiçado. Este ano, o anúncio de quem concorre sai na



“Uma curadoria pode ser tudo, menos chata e previsível”

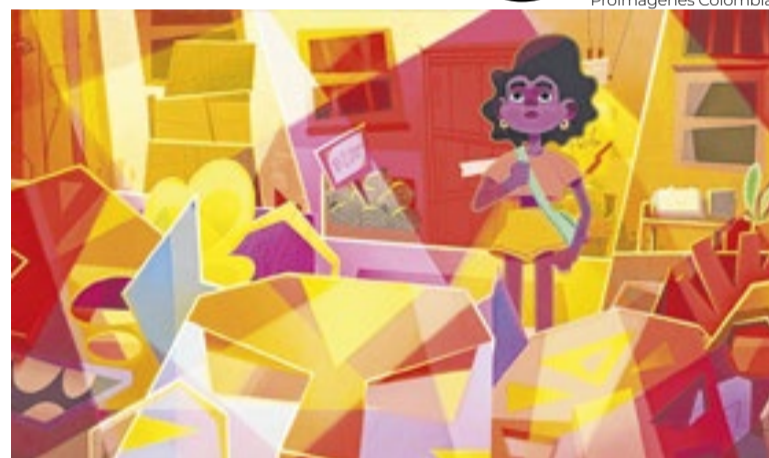
GIONA A. NAZZARO

quinta e a torcida por nossa claque de vozes autorais é ampla.

“Uma curadoria pode ser tudo, menos chata e previsível”, explicou Giona ao Correio da Manhã logo que foi empossado, abrindo espaço para exposições de títulos do catarinense Rogério Sganzerla (1946-2004), de quem é fã. “Ser eclético não é ser inclusivo. Eu prefiro a inclusão ao ecletismo. Por isso, é importante juntar revelações com vozes já consagradas. E há um cuidado de se valorizar a produção suíça numa mostra de longas à parte e, também, na seção de curtas, pois há muita coragem nos filmes da nova geração de cineastas de nosso país”.

Alguns cardápios da 79ª edição, agendada de 5 a 15 de agosto, já foram anunciados, com destaque para

a criação de uma área de títulos em concurso na seção Locarno Kids. A prata da casa será representada por meio de um documentário: “Derborence – Le Temps des Animaux”, dirigido por Vincent Chablot. A animação marca presença com o francês New York, “Miriam et Moi”, de Rémy Schaepman e Léahn Vivier-Chapas, e com o colombiano “Mu-Ki-Ra”, assinado por Estefanía Piñeres Duque. A seleção inclui ainda a aventura mexicana “Los Nuevos”, de Rodrigo Plá; os dramas de formação “L’Estate Che Finì Due Volte”, do italiano Matteo Incollu, e “Paradeisa”, da alemã Marleen Valien; além do .doc social dinamarquês “If Luck Will Come”, de Camille Bildsøe, que segue um circo criado para crianças em situação de



“Mu-Ki-Ra” leva o cinema animado produzido em terras colombianas ao Festival de Locarno, na competição Kids

vulnerabilidade no Afeganistão. O vencedor será escolhido por um júri formado por jovens entre 11 e 15 anos, decisão que reforça a proposta do festival de colocar crianças e adolescentes num debate sobre cinema contemporâneo.

No dia 7, a Piazza Grande, a praça da cidade vai revisitar um ganhador de Oscar numa versão ampliada e restaurada (pelo laboratório Cinegrell, de Zurique): “Dança Com Lobos” (1991), de Kevin Costner. O faroeste épico do astro de “O Guarda-Costas” (1992), que ganhou sete Oscars, incluindo Melhor Filme e Melhor Direção, ajudou a redefinir o gênero na virada da década de 1990 e chamou a atenção mundial para a situação histórica dos povos indígenas no continente americano. A sessão desse western terá quase quatro horas, por incorporar cerca de meia hora de material adicional inédito.

Na ala de homenageados deste ano, Locarno concederá honrarias à estrela belga Virginie Efira (recentemente laureada em Cannes, pelo filme japonês “Soudain”) e a duas atrizes

de DNA italiana que também são diretoras: Isabella Rossellini e Asia Argento, ambas filhas de cineastas míticos (no caso, Roberto Rossellini e Dario Argento). Haverá troféu honorário ainda para o realizador Darren Aronofsky e o produtor Sigurjón “Joni” Sighvatsson.

Inaugurado na noite de 23 de agosto de 1946, no Grand Hotel, com a exibição de “O Sole Mio”, de Giacomo Gentilomo, Locarno tem consagrado grifes de autoridade com seu Leopardo dourado desde então. Na era Giona, além de “Regra 34”, a láurea foi dada ao filme de luta “Vengeance Is Mine, All Others Pay Cash”, do indonésio Edwin; ao thriller “Critical Zone”, do iraniano Ali Ahmadzadeh (2023); ao drama “Toxic”, da lituana Saule Bliuvaite (2024); e à investigação existencialista “Duas Estações, Dois Desconhecidos”, do japonês Sho Miyake. Em 2021, o Pardo di Domani, o prêmio de curtas, foi para “Fantasma Neon”, do carioca Leonardo Martinelli. Ano passado, o curta “O Rio de Janeiro Continua Lindo”, de Felipe Casanova, foi laureado lá.

Escolhas que **definem** **uma vida**

Nany People
leva sua
comédia
'Segunda
Chance' ao
Riachuelo
Rio em
apresentação
única nesta
quarta

O Teatro Riachuelo Rio recebe nesta quarta (8) a apresentação de "Segunda Chance", comédia estrelada por Nany People que marca a estreia do espetáculo no circuito carioca. A peça, que já passou por São Paulo e segue para outras cidades, traz a atriz em um monólogo que mistura humor e reflexão sobre as escolhas que definem uma vida.

Mineira de Machado, Nany People começou no teatro aos 10 anos e construiu uma carreira marcada pela resistência. Seu primeiro trabalho destaque veio aos 53 anos, em "Vai que Cola", série que a consolidou na televisão e a tornou conhecida do grande público. Sem contrato na TV após o fim da série, ela aposta no teatro como espaço de liberdade criativa.

Em entrevista recente, Nany criticou a falta de oportunidades para artistas trans na indústria audiovisual brasileira. "O mundo encareceu. E emburreceu", afirmou, lamentando que a cena LGBTQIA+ tenha se tornado mais conservadora. Apesar disso, ela reafirma: "Eu nunca saí do meu propósito".

Em "Segunda Chance", Nany interpreta Yvone, uma mulher que acredita ser a solução para todos os problemas alheios. A trama se desenrola quando essa certeza desaba e ela descobre que quem precisa de direção é ela mesma. A partir daí, enfrenta situações que desafiam seu senso de controle, sua lógica e sua compulsão por "resolver" tudo. "Quando você olha para trás, começa a entender que a vida não é linear, ela dá voltas, te surpreende, te deruba e te oferece recomeços que você nem sabia que precisava", comenta a atriz. "A gente passa a vida inteira achando que sabe o que quer, mas será que é assim mesmo?", questiona ela.

O texto de Bruno Motta tra-



Divulgação

balha com situações cotidianas que ganham dimensão cômica quando vistas sob a perspectiva de alguém que precisa aprender a ceder, ouvir e repensar suas convicções. A narrativa leva a personagem gradualmente a um ponto de ruptura, quando descobre a força a encarar quem ela realmente é.

"O público ri com Yvone a peça inteira, mas, em algum momento, acaba rindo de si mesmo ao reconhecer situações da própria vida no texto. É essa provocação que quero deixar", explica a atriz que, no ano passado, completou 60 anos de idade, 50 de carreira e 30 anos de televisão.

O humor continua sendo a ferramenta de Nany para lidar com a vida — e com as perdas que ela nos traz. A comédia aborda temas como morte, despedidas e a importância de aproveitar o tempo enquanto ele existe. O texto trabalha com situações cotidianas que ganham dimensão cômica quando vistas sob a perspectiva de alguém que precisa aprender a ceder, ouvir e repensar suas convicções. "É um humor muito analítico, que observa bem o dia a dia de uma pessoa sempre preocupada em fazer as coisas acontecerem. Até que tudo para. Quando isso acontece, você percebe que está à mercê da situação. A vida é sempre assim. Estamos, de alguma forma, à mercê de alguma coisa", destaca.

Em "Segunda Chances" a atriz reafirma seu humor afiado, mas não abre mão de levar profundidade às questões que levanta sobre vulnerabilidade e mudança pessoal.

“O público ri com Yvone a peça inteira, mas, em algum momento, acaba rindo de si mesmo ao reconhecer situações da própria vida no texto. É essa provocação que quero deixar”

NANY PEOPLE

SERVIÇO

SEGUNDA CHANCE

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38/40, Centro)
8/7, às 20h

Ingressos: entre R\$ 50 (balcão) e R\$ 140 (pleiteia VIP)

A mulher que **desafiou** o deserto

Espectáculo 'Agar' reconstrói a história de resiliência da matriarca do povo árabe

Espectáculo com Tatiana Henrique, Hebert Said e Sheila Martins em cartaz até o dia 26 de julho no Teatro Sesc Copacabana



A jornada de uma mulher egípcia que enfrentou o deserto sem água, sem comida e sem direitos reconhecidos chega ao palco do Sesc Copacabana a partir desta quinta-feira (9). “Agar” reconstrói a trajetória dessa figura milenar descrita no Corão, na Bíblia e na Torá, figura central das tradições religiosas abraâmicas. Mãe de Ismael, patriarca do povo árabe, Agar é muito mais do que um nome em textos sagrados: é uma mulher que exigiu seu lugar no mundo.

A peça, dirigida pela Obalufônica (coordenada por Tatiana Henrique e Hebert Said), traz a narrativa poética e visceral do momento em que Agar e seu filho Ismael atravessam o deserto à beira da morte. Nesse cenário de escassez extrema, a dramaturgia entrelaça questões culturais e políticas contemporâneas: direito

“Essa história é como um reencontro nosso com África e Ásia, pretos e árabes. Isso faz muito sentido pra gente”

TATIANA HENRIQUE

à existência, direito ao território, direito à herança. “Todos os povos têm direito de existir. As comunidades originárias têm o direito ao espaço em que vivem”, afirmam os criadores. O espetáculo parte de um conceito de patrimônio imaterial que entende o território não apenas como um chão, mas como fundamento existencial de um povo.

Na teologia contemporânea, Agar é amplamente estudada como símbolo das minorias, das mulheres marginalizadas e dos sobreviventes. Uma mulher estrangeira que foi escravizada e exilada, mas que teve contato direto com o divino — segundo

os textos sagrados, recebeu revelações de Deus/Alá — e garantiu o futuro de sua linhagem por sua própria força. Essa dimensão política e espiritual é exatamente o que o espetáculo resgata: não a passividade de uma personagem secundária, mas a agência de uma mulher que resistiu e transformou sua história em fundação de um povo.

Tatiana Henrique interpreta Agar; Hebert Said, Ismael; e Sheila Martins, Deus. A produção marca mais um trabalho da Obalufônica, que há cerca de 25 anos atua em pesquisas artísticas sobre linguagens culturais africanas, afro-brasileiras, dos

povos originários brasileiros e indianas. Entre suas criações estão “Oro”, “Contos de Ori”, “Ògún pèlè o!” e “Nuang, caminhos da liberdade”.

Para Tatiana Henrique, a importância da peça vai além do palco. “Sempre conversamos sobre o quanto é importante saber sobre as nossas origens para tanto nos entender intimamente quanto a questões sociais e políticas. Eu pesquiso teatro negro, Hebert é neto de refugiados sírios que aqui se juntaram com indígenas e pretos também. Essa história é como um reencontro nosso com África e Ásia, pretos e árabes. Isso faz muito sentido pra gente.” A narrativa, portanto, dialoga com experiências pessoais dos criadores e com questões que atravessam o Brasil contemporâneo — migração, refúgio, direito ao território e pertencimento.

A acessibilidade é um pilar do trabalho. LIBRAS está presente em todas as 16 apresenta-

ções como dispositivo poético integrado à cena. “Consideramos que a LIBRAS é uma das línguas ancestrais, então apostamos nisso como uma surpresa cênica para o público”, explicam os diretores. Além disso, a dramaturgia é apresentada em português, copta e árabe, com legendas cênicas para pessoas surdas não-falantes de LIBRAS e para o público em geral.

SERVIÇO

AGAR

Teatro Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 26/7, quintas e sextas (20h30), sábados e domingos (19h)*

Ingressos: R\$ 40, R\$ 36 (conveniados), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 20 (meia) e grátis (PCG)

*Acessibilidade: LIBRAS em todas as sessões | Audiodescrição aos domingos | Legendas cênicas em português, copta e árabe

Ellen tem o groove

Ellen Oléria lança álbum digno da melhor tradição da black music

AFFONSO NUNES

“Eu comando o groove”, avisa Ellen Oléria em “Axé de Ouro”, faixa que abre o excelente álbum “Canto de Casa Vol. 1”. É o cartão de visitas de um álbum elegante que faz jus à tradição da black music. É na sfti- cação do R&B, no groove do soul, na modernidade do afrobeat e na batida marcada do funk que a voz marcante da cantora entrega densidade e ritmo. Aos 25 anos de carreira, Ellen finca os pés num território que sempre foi seu: o das sonoridades negras.

Produzido por Ellen e um time composto por Felipe Viegas, Pedro Miranda e Renato Galv Santos, o disco tem uma proposta estética evidenciada na frase que abre este texto. Ellen comanda o groove e este comando o trabalho como um todo. Gravado em São Paulo no estúdio Gargolândia, o projeto traz 10 faixas de puro suingue, de música preta correndo nas veias.

Para a artista, este é um disco

Diego Bressani/Divulgação



Ellen Oléria faz jus à tradição da música preta em “Canto de Casa Vol. 1”

que celebra a música feita a partir de afetos e pertencimento, que exige do ouvinte uma escuta atenta e aberta. Até ua capa, com uma foto da artista quando criança, compõe essa atmosfera.

Para marcar os 25 anos de

estrada na música, a artista que criou um disco que fala da canção que nasce no cotidiano.

“Incendiou” mistura R&B, funk e hip hop em ritmo que pulsa — é faixa que convida ao movimento desde os primeiros

segundos. “A Saudade Se Instaurou” navega entre neo soul e MPB com lirismo que não cai em sentimentalismo fácil; é saudade que groovea, que dança. “Pinga Tinta” une afrobeat e carimbó, expandindo o mapa sonoro do

projeto para territórios que dialogam com ancestralidade e contemporaneidade simultaneamente. “Abya Yala” revolve memórias da ancestralidade africana na canção. Cada faixa é construída com atenção ao detalhe rítmico — o groove não é acessório, é estrutura.

A assinatura artística de Ellen Oléria é potente. Seu timbre amplo e elegante — aquele que a levou a vencer The Voice Brasil — passeia por diferentes registros sem perder densidade. Suas composições atravessa gêneros com fluidez, uma escrita que fala de saudade, pertencimento, marcas deixadas pelos encontros.

O álbum conta com participações de Rincon Sapiência, rapper paulistano que traz sua própria densidade lírica ao projeto em “Te Faria”, e de Jef Rodriguez, da Banda O Quadro. A presença de Sapiência, em particular, reforça o compromisso do projeto com a black music brasileira contemporânea — aquela que se ergue do hip hop, do funk, dos sons da periferia, e que não pede permissão para ocupar espaço.

“Canto de Casa Vol. 1” marca um novo ciclo. Após “Afrofuturista” (2022) e “Peça” (2009), Ellen mostra que a música preta brasileira é gesto político, história, corpo e memória. Ellen Oléria sabe disso e por isso é uma artista que fala por si, por sua gente e por uma geração artística que se impõe na nossa cena musical.

CRÍTICA DISCO | OS ESCAFANDRISTAS CANTAM CHICO BUARQUE

por AQUILES RIQUE REIS*

Uma homenagem no tom certo

Hoje trataremos do álbum “Os Escafandristas Cantam Chico Buarque” (Biscoito Fino). No alto de seus 82 anos, Buarque merece que o máximo de registros de sua obra sejam trazidos a público. Quantos mais vierem, melhor se revelará o que seus colegas de profissão conhecem dele. Missão difícil, mas os Escafandristas deram o seu jeito.

O uníssono surpreende, porque as vozes se ajustam umas às outras, embora cada qual tenha um timbre definido. Os arranjos impõem que se adequem entre si. Um quarteto vocal dos bons! Nas canções mais delicadas, como “Morena dos Olhos D’Água”, o solo vem

suave numa voz feminina.

Em “Construção”, os violões conduzem o arranjo; terças se abrem aqui e ali; homens e mulheres intercalam solos; a levada cresce e tudo se mostra ainda mais simbólico; a percussão acompanha o affrettando que leva ao final.

A vocalização de “A Ostra e o Vento” sinaliza o cuidado que o quarteto tem com tal recurso que os caracteriza; uma flauta pontua acordes, enquanto as vozes femininas se alternam em duos e solos. “Futuros Amantes” inicia com um duo feminino e masculino em cânone; o violão traz a



Os escanfandristas cantam Chico Buarque

harmonia buarqueana.

A força de “Assentados” vem com a percussão marcando o ritmo; o sentimento flui nas vozes uníssonas; terças abrem e levam a saga à frente. Notas soltas do baixo iniciam “Brejo da Cruz”, com participação da voz de Giuliano Eriston; logo o vocal vem na dinâmica do arranjo. “Cotidiano” inicia com um cânone; novamente a corda do baixo se incube do

ritmo; o canto vem com a voz em terças com o baixo; e as vozes seguem ecoando o dia a dia. “Tempo e Artista” soa arritmo; os solos abraçam os versos de Buarque; suavemente as vozes abrem em sólida afinação. E vem “O Que Será, Que Será – A Flor da Terra”: com o ímpeto que a caracteriza como um marco na história da música brasileira, lá estão os Escafandristas para tratá-la com o ardor que têm; arritma, a flauta acompanha o solo masculino. Logo o coro se forma para retransmitir a alma do compositor e Rui Guerra declama os versos, como fez na primeira gravação da música; o uníssono das vozes femininas traz o canto com o ritmo.

A seguir, “A Volta do Malandro” rola assoviada; uma voz feminina assume o solo e o leva até que o quarteto se ajunte para

seguirem cantando; e Chico se achega para uma breve participação. O amor brota em “Minhas Meninas”, escolhida para fechar a tampa. E fecham com tudo o que marca o pai das meninas, um homem que busca dentro de si toda a humanidade necessária para ser o espelho de uma nação cuja maioria o ama como ama a cada um de seus próprios filhos. Ouça o álbum em <https://11nq.com/khd1aiu>.

Ficha técnica

Idealização: Alice Passos; direção musical: Thiago Amud; direção artística: Alice Passos; produção: Escafandristas; formação: Alice Passos (voz, flauta, violão e percussão), Luisa Lacerda (voz e violão), Renato Frazao (voz e baixo) e Thiago Amud (voz e violão).

*Vocalista do MPB4 e escritor

ENTREVISTA | EMÍLIO DOMINGOS

CINEASTA E ANTROPÓLOGO

‘As periferias não são vitrines de problema, são espaços de invenção’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Deu Ibope dos bons a estreia da série “Anos 90: A Explosão do Pagode”, há uma semana, na TV Globo, e o segundo episódio dessa investigação poética e humanista sobre um dos gêneros de maior popularidade em nosso cancionário estreia nesta quarta-feira, depois da novela das 21h. Imagens de arquivo (muitas delas raras) se somam a entrevistas inéditas para contar a gênese e a consagração de um modo de cantar, de tocar e de compor que consagrou Salgadinho, Chrigor, Netinho, Péricles, Belo e Márcio Art, além de grupos emblemáticos como Katinguelê, Exaltasamba, Soweto, Negritude Júnior, Art Popular, Só Pra Contrariar, Raça Negra e Molejo.

Uma das cabeças pensantes e pulsantes por trás desses registros é Emílio Domingos, um dos documentaristas mais prolíficos do país. Todo ano tem um, às vezes dois, longas novos dele, e a maioria explora o universo musical, sempre em interseção com a celebração das resiliências da população preta do Brasil. Há uma semana, ele levou “As Dores do Mundo: Hyldon” (rodado em dupla com Felipe David Rodrigues) à CineOP, em Ouro Preto (MG). Seu currículo inclui “A Batalha do Passinho” (2012), “Black Rio! Black Power” (2023) e “Os Afro-sambas: O Brasil de Baden e Vinícius” (2025).

Emílio nasceu na Tijuca e é filho de um porteiro. Morou em Del Castilho, por alguns anos da infância, e frequentou muito Pilares, porque suas tias de criação moravam lá. Conviveu durante muito tempo com a realidade da Zona Norte. “Como narrador, a minha periferia é a dos meus personagens, das pessoas que filmo, das pessoas às quais vou ao encontro e com as quais convivo ao longo dos processos artísticos”, disse numa entrevista ao site europeu C7nema, logo que correu mundos com “Favela É Moda” (2019).

Na entrevista a seguir, Emílio analisa o fenômeno da cultura pagodeira.

De que maneira a série “Anos 90: A Explosão do Pagode” dialoga com o teu longa-metragem documental homônimo e o que o seriado traz de novo sobre esse universo?

Emílio Domingos - A direção do longa e da série é minha com Rafael Boucinha. A série é uma versão mais extensa do filme, conseguimos nos aprofundar em algumas questões. Ela tem 30 minutos a mais de conteúdo. Acho que o seriado reconhece o talento dessa geração e revela as origens do Pagode 90: os bailes de black music e equipes de som (como a Chic Show, a Zimbabwe e a Kaskatas); a influência da geração anterior (artistas do Rio de Janeiro como Zeca Pagodinho, Almir Guineto, Fundo de Quintal e Jovelina Pérola Negra); a cena musical de escolas de samba, como a Camisa Verde e a Rosas de Ouro.

Como você definiria pagode?

Pagode é reunião de pessoas em torno do samba. No Brasil, é extensão da vida.

Numa entrevista sua ao www.c7nema.net, você disse: “Volto minhas len-

tes pra periferia porque, historicamente, é o lugar onde a cultura vive em ebulição neste país. É o lugar que nos deu gênios como Cartola, que só gravou seu primeiro disco aos 66 anos. Tento voltar minha câmera pra gênios da periferia, pra que novos Cartolas não sejam reconhecidos só na velhice”. Nessa lógica, como seus filmes documentais musicais se articulam com os conceitos decoloniais de formação da identidade negra?

Meus filmes contam a história da população negra sob a ótica da mesma. São uma espécie de reescrita dessa história. Meu cinema nasce de uma vivência periférica, mestiça e busca afirmar que as expressões culturais negras são fundamentais para se pensar o Brasil. Nos meus filmes, as periferias não são vitrines de problema, são espaços de invenção, estilo, beleza e sobrevivência criativa. Considero meus filmes como políticos. Um cinema de afirmação.

De que maneira, do Passinho a Hyldon, trafegando pelo Pagode, você reposi-



Lucas Seixas/Divulgação

“Minha formação em antropologia me proporcionou uma metodologia de imersão, mas não me colocou como observador externo, ela me deu uma base ética, mas também sensível. Aprendi que observar não é extrair”

ciona os gêneros musicais da MPB na História?

Quando se fala em MPB, é preciso pensar em música popular, pois é o que a sigla representa. Sem deixar de reconhecer os artistas que classicamente encontram-se dentro dessa classificação, eu tenho me preocupado em retratar artistas e gêneros musicais que são populares e que muitas vezes foram colocados à margem por denominações que não reconhecem isso. Ou os colocam como gêneros “menores”.

Qual é o próximo .doc musical na tua obra e o que está rodando agora?

No momento, estou envolvido em dois documentários novos: um sobre Mr. Catra, que é um grande artista do funk e personagem complexo (em processo de edição); e outro filme que dirigirei com João Inada sobre o Zicartola (casa de samba de Dona Zica e Cartola, que foi um polo importante do samba e da nossa música nos anos 1960).

De que maneira a antropologia norteia teu olhar no teu processo criativo?

A minha formação em antropologia visual, me proporcionou uma metodologia de imersão, mas não me colocou como observador externo, ela me deu uma base ética, mas também sensível. Aprendi que observar não é extrair. Valorizo a pesquisa, o contato com o outro, o trabalho de campo, conviver com as pessoas que vão se tornar personagens dos filmes, e também a força da oralidade dessas pessoas.

AFFONSO NUNES

Quando o Sesc lançou o desafio de criar uma receita com arroz como ingrediente principal para celebrar seus 80 anos, o chef Frederico Justen, do Bistrô Sesc Convento do Carmo, viu na competição a oportunidade de contar uma história. O resultado foi o Arroz de Encontros, que conquistou o primeiro lugar em um concurso que reuniu propostas dos 21 Departamentos Regionais do Sesc espalhados pelo país. A partir desta quarta-feira (8), o prato estará no cardápio dos bistrôs do Sesc RJ.

A receita é um arroz cremoso servido com palmito em três texturas — creme, grelhado e selado. Mas há mais: um crisp de couve, farofa de pão artesanal com castanha-do-brasil e raspas de limão completam a composição. Ao todo, oito elementos, cada um com propósito. “Quando esse desafio chegou, pensei que tinha que ser muito mais do que uma receita. Tinha que ter uma história e alguma conexão com o que é o Sesc e com o que ele fez nesses 80 anos”, explica Justen. “Então, inspirado no Sesc e no Rio de Janeiro, criamos o Arroz de Encontros, porque o Rio é uma cidade de encontros de pessoas, culturas, territórios e muito mais.”

A inspiração também veio de um clássico carioca: o Arroz à Piemontese, criado na década de 1950 para atender turistas estrangeiros que queriam risoto, mas usando ingredientes disponíveis na região. Justen puxou essa conexão histórica e a reinterpretou para o momento atual. Cada um dos oito elementos do prato representa uma década de história do Sesc, instituição que desde 1946 atua na área de educação, saúde, cultura e lazer para trabalhadores do comércio e suas famílias.

O concurso que elegeu o Arroz de Encontros como vencedor avaliou as propostas com base em critérios rigorosos: representatividade regional, qualidade nutricional, viabilidade operacional e identidade institucional do Sesc. Isso significa que a receita não é apenas saborosa — ela precisa funcionar em larga escala, manter padrão de qualidade e refletir os valores da organização. Justen conseguiu equilibrar tudo isso em um único prato.

No Rio de Janeiro, o Arroz de Encontros estará disponível no menu à la carte dos bistrôs do Sesc em Flamengo, Convento do Carmo, Teresópolis e Quitandinha. O público poderá escolher a versão com o arroz como prato principal, por R\$ 44, ou acompanhada de filé mignon, por R\$ 63. Além dos bistrôs, a receita tam-

Um prato campeão chega à mesa

Bistrôs do Sesc RJ servem nesta quarta (8) receita vencedora de disputa em âmbito nacional

Divulgação Sesc RJ

O arroz cremoso com palmito em três texturas, criado pelo chef Frederico Justen do Bistrô Sesc Convento do Carmo, estará disponível nos bistrôs de Flamengo, Convento do Carmo, Teresópolis e Quitandinha com preços de R\$ 44 a R\$ 63



“Quando esse desafio chegou, pensei que tinha que ser muito mais do que uma receita. Tinha que ter uma história”

FREDERICO JUSTEN

bém chegará aos hotéis Sesc Alpina, Sesc Grussaí e Hotel Parque Sesc Nogueira, onde hóspedes e visitantes poderão experimentá-la. Nos restaurantes voltados aos trabalhadores do comércio — localizados em Barra Shopping, Norte Shopping, Campo Grande e Niterói — o prato também entrará no buffet desta quarta-feira.

A iniciativa faz parte das comemorações pelos 80 anos da instituição, que em 2026 marca oito décadas de atuação. Restaurantes do Sesc em outros estados também incluirão a receita no cardápio desta quarta-feira, ampliando o alcance da celebração para além do Rio de Janeiro.

Rico em carboidratos complexos que fornecem energia ao nosso corpo, o arroz é um alimento democrático, presente nas mesas brasileiras há séculos, acessível a diferentes públicos e com potencial infinito de reinterpretação.

SERVIÇO

ARROZ DE ENCONTROS

Bistrôs do Sesc RJ (Flamengo, Convento do Carmo, Teresópolis e Quitandinha); Hotéis Sesc Alpina, Sesc Grussaí e Hotel Parque Sesc Nogueira; Restaurantes Sesc em Barra Shopping, Norte Shopping, Campo Grande e Niterói; unidades do Sesc em outros estados.

A partir de 8/7

R\$ 44 (arroz como prato principal) | R\$ 63 (arroz com filé mignon)